

SYLVAIN  
NEUVEL

APENAS  
HUMANOS

LIVRO 3 DOS ARQUIVOS TÊMIS

TRADUÇÃO MATEUS DUQUE ERTHAL



## Sumário

Prólogo

Parte 1: Quando em Roma...

Arquivo nº EE955

Arquivo nº EE961

Arquivo nº 2106

Arquivo nº 2108

Arquivo nº 1641

Arquivo nº EE002

Arquivo nº EE003

Arquivo nº 2109

Arquivo nº 2113

Arquivo nº 2116

Arquivo nº EE006

Arquivo nº EE011

Arquivo nº EE013

Arquivo nº 2116 (CONTINUAÇÃO)

Arquivo nº EE026

Arquivo nº EE027

Arquivo nº 2116

Arquivo nº EE028

Arquivo nº EE031

Arquivo nº 2116 (CONTINUAÇÃO)

Arquivo nº EE066

Arquivo nº 2117

## Parte 2: Pernas, pra que te quero

Arquivo nº EE098

Arquivo nº EE108

Arquivo nº EE109

Arquivo nº 2120

Arquivo nº 2121

Arquivo nº 2122

Arquivo nº 2124

Arquivo nº 2127

Arquivo nº 2128

Arquivo nº EE149

Arquivo nº EE151

Arquivo nº 2130

Arquivo nº 2134

Arquivo nº 2137

Arquivo nº 2138

Arquivo nº EE249

Arquivo nº 2142

Arquivo nº 2143

## Parte 3: A estrada para Damasco

Arquivo nº 2155

Arquivo nº 2157

Arquivo nº EE254

Arquivo nº EE255

Arquivo nº 2171

Arquivo nº 2174

Arquivo nº 2176

Arquivo nº EE380

Arquivo nº EE426

Arquivo nº 2193

Arquivo nº EE427

Arquivo nº 219

#### Parte 4: Atravessar o Rubicão

Arquivo nº 2195

Arquivo nº 2196

Arquivo nº 2195

Arquivo nº EE463

Arquivo nº EE464

Arquivo nº 2196

Arquivo nº EE681

Arquivo nº 2195

Arquivo nº 2196

Arquivo nº EE684

Arquivo nº 2195

Arquivo nº 2196

Arquivo nº 2195

Arquivo nº EE463

Arquivo nº 2195 (CONTINUAÇÃO)

#### Parte 5: Terra do Nunca

Arquivo nº 2197

Arquivo nº 2198

Arquivo nº 2200

Arquivo nº 2202

Arquivo nº 2205

Arquivo nº 2367

Arquivo nº 1613

Epílogo

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

*Eyaktept eket ontyask atakt oyansot ot.*

*Eyantsant eps.*

# PRÓLOGO

## ARQUIVO Nº 2101

### REGISTRO DE MISSÃO — CAPITÃO BODIE HOUGH E TENENTE BARBARA BALL, CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, DIVISÃO MECHA

Local: Cerco ao hotel Dar es Salaam, Tobruk, Líbia

— Central, aqui é Jápeto. Alvo na mira.

[*Entendido, Jápeto. Manter posição.*]

Mantendo posição... Exatamente aqui, onde deveríamos estar. Eu sou mesmo muito bom, pode falar!

— Chega, Bodie, menos. Você só usou aqueles números que eles te passaram. Quando conseguir fazer *moonwalk* com esse robô gigante, aí sim pode se achar.

— O que é isso de *moonwalk*? Andar em câmera lenta?

— Fala sério, Bodie! Quantos anos você tem?

— É “capitão Bodie” pra você, tenente *Baaalll*. Me corrige se eu estiver errado, mas acho que foi você que tropeçou numa casa na última vez em



que ficou com as pernas. Caiu de cara no chão e ainda quebrou o pulso do Benson. Tô certo?

[ *Jápeto, aqui é a Central. Se vocês dois puderem parar de brigar um segundo, nós temos trabalho a fazer. Você está de frente para o hotel?*]

Afirmativo, Central. É bonito esse hotel. Não me importaria em tirar uma parte das férias e descansar por aqui.

[*E eles conseguem ver o robô de onde estão?*]

Se esse “eles” são as pessoas olhando pra gente lá do último andar, sim, eles com certeza conseguem nos ver. Não tem nada mais alto que a gente na cidade inteira. Fica bem difícil não ver.

[*Entendido, Jápeto. Estamos em contato com o presidente nesse instante. Mantenha posição.*]

Mantendo posição. Por que estamos aqui em Tobruk, aliás? Eu achava que a sede do governo ficava em Trípoli.

— E fica.

— O que é isso aqui, então?

— Outro governo. Você não pesquisa nada antes de sair em uma missão?

— Mas é o mesmo país.

— Acontece de vez em quando. Quando eu era pequena, eles chegaram a ter três governos por um tempo.

— E qual é o governo de verdade, nesse caso?

— Depende. Cada um vai dizer uma coisa.

— Isso não faz o menor sentido. Bom, não importa, né? Daqui a vinte minutos, vai ter um general americano mandando aqui.

— Você quer dizer um general americano *aconselhando* o governo democraticamente eleito da Líbia.

— Isso, isso.

[ *Jápeto, aqui é a Central. O presidente não foi tão receptivo quanto gostaríamos. Use o feixe de luz e remova a metade norte do edifício. Repito: destrua a metade norte do edifício.* ]

Entendido, Central, nós...

— Capitão, último andar, segunda janela da direita para a esquerda.

— Estou vendo. Central, parece que algumas pessoas ainda estão nessa parte do edifício. Quer dar um minuto a elas para a evacuação? Podemos pulverizar os carros do estacionamento, vai tirar todas de lá.

[ *Jápeto, você recebeu suas ordens.* ]

— E agora, o que a gente faz?

— Como assim, o que a gente faz? Você escutou o cara, tenente. Começa pelo centro do edifício e depois segue varrendo para a sua direita. Mira bem baixo, e talvez a gente consiga poupar aquelas casas lá de trás.

— Sim, senhor... Em posição.

— Ativar feixe de luz. Diz quando estiver pronto.

— Hum... quando estiver pronto. Você está vendo o feixe, né? Vai saber quando eu tiver acabado.

— Desligando o feixe. Uau, o negócio é bom mesmo. Nem faz barulho. Central, aqui é Jápeto. O alvo foi destruído. Metade, pelo menos.

[ *Entendido, Jápeto. Nós temos as imagens de satélite. Manter posição.* ]

Cara, eu amo o meu trabalho!

— Dá pra ver.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer exatamente o que você está pensando. Você disse que ama o seu trabalho. Eu disse que dá pra perceber. Nada mais. Algum problema?

— ...

— Que bom! Enfim... A gente ainda deve ficar um tempinho por aqui. Quer conversar sobre alguma coisa? Livros?... Não? Filmes, então? Você tem algum hobby que eu não saiba?

— ...

— Tá bom, eu começo. Eu coleciono aquelas Repolhinho.

— Eu não faço a menor ideia do que...

— Relaxa. Também não é da minha época. Eram várias bonequinhas, uma diferente da outra. Não se comprava, se “adotava”. Vinham com certidão de nascimento, documentos de adoção, um cartãozinho para a gente escrever a primeira palavra delas, os primeiros passinhos, o que elas mais gostavam de comer.

— Elas falavam?

— Não, Bodie. Não falavam. Nem comiam. Era só pra parecer de verdade, como se você estivesse realmente adotando um bebê que tinha nascido dentro de um repolho.

— Como é que se adota uma boneca?

— Comprando, claro. Elas ficam na loja. A gente compra, mas chama de “taxa de adoção”. Enfim, essas bonequinhas eram uma febre na década de 1980. As pessoas ficavam doidas. Tinha até briga nas lojas. A moda não durou muito, mas uma ou outra empresa continuou fabricando por mais ou menos quarenta anos. Minha mãe tinha seis bonecas Repolhinho. Ela me deu todas quando eu era adolescente, e agora eu é que faço coleção. As mais antigas são bem difíceis de achar e geralmente custam uma fortuna.

— Você coleciona bonecas. Nada esquisito isso.

— No ano passado, vendi uma por cinco paus.

— Você vendeu uma boneca por cinco mil dólares?

— Brutis Kendall, nascida no campo de repolho no dia 12 de novembro. Perto do pezinho de hortelã. Estava na caixa, com todos os documentos.

— Nossa. Mas continuo achando esquisito. Você não deveria...

*[Jápeto, aqui é a Central. O presidente da Câmara dos Deputados da Líbia acaba de pedir ajuda e assessoria técnica ao governo dos Estados Unidos. Bom trabalho. Apenas aguardem mais um pouco. A Marinha está trazendo as tropas nesse momento, e estarão aí em aproximadamente vinte minutos. Podem retornar à base assim que chegarem. O pessoal de Navegação vai mandar as coordenadas para casa em um instante.]*

Entendido, Central. Câmbio e desligo. Mais uma para os mocinhos. Espalhando a liberdade pelo mundo, uma cidade de cada vez.

— Eu tenho bastante certeza de que eles já eram livres antes.

— Bom, agora estão *mais* livres.

**PARTE 1**

**QUANDO EM ROMA...**

**ARQUIVO Nº EE955 — ARQUIVO PESSOAL DE ESAT EKT**  
**ENTRADA DE DIÁRIO — DRA. ROSE FRANKLIN**

A gente tem que tomar cuidado com o que deseja.

Há mais ou menos dez anos — eu tinha trinta e sete na época —, um robô gigante de outro planeta veio visitar a Terra... e acabou dizimando parte de Londres. Nós conseguimos destruí-lo, mas outros treze robôs apareceram. Dessa vez, pousaram em diversas das cidades mais populosas do mundo e soltavam uma espécie de gás geneticamente desenvolvido para ser usado como arma. Cem milhões de pessoas morreram nessa história. Entre elas, o misterioso homem do qual eu nunca soube o nome e que esteve por trás de cada um de nossos passos desde que fui designada para estudar aquela mão gigante na Universidade de Chicago. E também Kara Resnik, minha melhor amiga e esposa de Vincent, além de mãe biológica de Eva.

Com alguma ajuda, fui capaz de modificar a estrutura molecular do metal desses robôs, desativando um deles. Foi suficiente para que os alienígenas decidissem ir embora.

Tudo bem, eu não sabia que ia dar nisso, que minha descoberta de Têmis, o primeiro robô, ia chamar a atenção desses alienígenas para a Terra, causando a morte de milhões de pessoas. Eu não sabia, mas esse era o meu medo. Sentia medo desde que me trouxeram de volta à vida. Eu me sentia... deslocada, desejando que os construtores de Têmis, quem quer que fossem, voltassem ao nosso planeta e simplesmente levassem ela embora daqui. Eu também disse, naquele momento, que gostaria que me levassem junto.

E foi o que fizeram. Depois que os robôs alienígenas deixaram a Terra, o general Eugene Govender, comandante do Corpo de Defesa da Terra, Vincent, Eva e eu subimos a bordo de Têmis, a fim de celebrarmos nossa... eu estava prestes a dizer “vitória”, mas não, não foi isso: nossa *sobrevivência*. Enquanto estávamos dentro do robô, o Conselho de Akitast — grupo de alienígenas que decide como seus planetas lidam com os outros — resolveu levar Têmis de volta. Ela, então, se desmaterializou na Terra e reapareceu em seu planeta natal, com nós quatro dentro.

Eles chamam esse planeta de Esat Ekt, ou seja, o lar dos Ekt, o povo que vive aqui. De certa forma, são o nosso povo também. Um grupo de mais ou menos 24 Ekt viajou à Terra há cerca de cinco mil anos. Ficou entre nós por alguns milênios. Tinha ordens de nunca interferir em nada, de ficar fora dos rumos da história, mas, com o tempo, alguns fraquejaram e se juntaram aos nativos. Tiveram filhos, metade humanos, metade alienígenas, que, por sua vez, tiveram outros filhos, três quartos geneticamente humanos. E por aí foi, até que seus descendentes, indistinguíveis dos humanos, tivessem apenas um pouquinho de genética alienígena na composição. Três mil anos depois, não havia nada que separasse humanos e descendentes de alienígenas. Todos nós, todos os habitantes do planeta, éramos parentes, ainda que de forma bem remota,

daquele grupo de alienígenas que decidiu que o amor era mais importante que o dever, lá atrás, quando os titãs caminhavam sobre a Terra.

Já estamos há nove anos aqui em Esat Ekt, mas ainda somos considerados forasteiros. A sociedade dos Ekt é toda baseada no princípio de que diferentes espécies não deveriam interagir entre si, pelo menos não se isso afetar o desenvolvimento de uma delas. Acreditam que cada espécie deve evoluir de acordo com seus próprios valores. Séculos atrás, os Ekt foram quase aniquilados pelos habitantes de outro planeta, expulsos ou exilados por seu imperador, devido a alguma razão pessoal ou política qualquer. Depois disso, substituíram sua monarquia por um sistema democrático altamente complexo e assumiram a política de não interferência como um de seus mais importantes valores. Para os Ekt, “macular” uma espécie inteira com seu código genético significa roubar dos indivíduos dessa espécie o futuro que eles deveriam ter. Eles enxergam isso como nós encaramos o genocídio. O que aconteceu na Terra foi uma tragédia tão grande para eles quanto para nós. Foram até lá pensando em exterminar um pequeno grupo de descendentes de Ekt, antes que estes pudessem contaminar o restante de nós. Quando se deram conta de que era tarde demais, milhões já haviam morrido. Nós quatro somos, aqui neste planeta, a prova viva do que eles consideram uma mancha em sua história. Somos o equivalente a um Memorial do Holocausto para eles, ou um monumento erguido em memória às vítimas da escravidão.

Eles não precisam mais de nós para se lembrarem do que aconteceu. De uma forma ou de outra, nosso tempo aqui acaba hoje à noite. Vamos voltar para casa.



ARQUIVO Nº EE961 — ARQUIVO PESSOAL DE ESAT EKT  
REGISTRO DE MISSÃO — VINCENT COUTURE E DRA.  
ROSE FRANKLIN

Local: A bordo de Têmis

[*Pai, não faz isso!*]

— Já era, Eva. Fique onde está. Não quero machucá-lo. Rose, pode segurar a Eva?

— Segurar? Não, acho que não posso segurar ninguém. Vem cá, Eva. Não vamos tornar as coisas ainda mais difíceis. Você não quer que alguém acabe levando um tiro por acidente, quer? Nós vamos mandar ele de volta depois, Eva. Prometo. Ninguém mais precisa sair machucado.

[*Como assim, “ninguém mais”? O que aconteceu? O que você fez, pai?*]

— Ekim, *eyyots ant ipyosk insot*. Ekim! *Eyekant!*

[*Ekim, não faça isso. Você sabe que ele está blefando. Ele não vai machucar você. Eyekant ops!*]

Você está certa, Eva. Eu não quero machucar o Ekim. Então, não me force a fazer isso.

{*Tudo bem, Eva. Eyekant aktept eps.*}

[*Não! Não faça isso por mim! Eu vou ficar! Vou ficar aqui com você.*]

— Você não pode ficar, Eva. Não mais. Você não sabe o que nós... Deixa pra lá. Não temos mais tempo pra isso. Ekim, você já apertou o cinto de segurança? Toma. Pega a arma, Rose. Preciso de um tempinho pra entrar na minha armadura, e, então, podemos ir.

— Eles estão vindo, Vincent. A gente precisa ir logo.

— Cacete! Não consigo passar os braços por aqui.

— Consegue, sim. Só precisa relaxar.

— Não sei, não. Nunca pilotei a parte de cima do robô. Da última vez que vi alguém vestindo isso, Eva tinha uns dez anos, e eu...

— Não dá para trocar de lugar com Ekim? Ele pode te ajudar com os comandos na mesa de controle.

— Ele disse que é complicado. Me convenceu com esse papo de “sistema de defesa orbital”. Eu acho que não consigo... Foi! Mas nunca vou conseguir fechar a frente desse negócio. Deixa eu colocar o capacete, ver se ele funciona sem que os suportes da armadura estejam fechados.

— Eles estarão aqui a qualquer momento... Nós temos que sair AGORA!

— Isso! Ela está ligando. Vai! Vai! Ekim, manda ver, aperta aí. *Eyyots!*

— Quanto tempo até...

— Uau.

— Que foi? Vincent, onde nós estamos?

— Não sei. Acho que estamos... Está de noite. Tem árvores em todo canto. Ekim, estamos na Terra? *Akt eyet Eteyat?*

{Ops eyoktiptet.}

— Que foi que ele disse?

— É... É uma expressão. “Não faço ideia”, algo assim.

— Olhe para as estrelas.

— Quê?

— Olhe para as estrelas. Reconhece alguma coisa?

— Nada familiar... Opa! Ali, é... *la grande ourse*. Não sei o nome das constelações. A urso grande?

— Ursa Maior. Isso.

— É, Ursa Maior. Conseguimos, Rose. Estamos na Terra.

— Uau. Nem consigo acreditar. Eva, fala alguma coisa.

[*Pai, o que foi que você fez?*]

— Agora não, Eva.

[*Fala o que você fez!*]

Eu disse *agora não*. Não vai demorar até que alguém perceba que estamos aqui. Vamos deitar Têmis no chão e sair daqui.

[*Me diz...*]

Eva, o que você acha que farão com Ekim se descobrirem que ele está aqui? Ele precisa voltar. Ekim, *eyost yeskust ak eyyots esat*.

{Eyekant ets ops. Ethemis eyet onsoks.}

— Que foi que ele disse? Esvaziar Têmis?

— Ele disse que Têmis está vazia. Esgotada. Usou toda a energia que tinha para chegar até aqui. Tem o suficiente para manter os capacetes

funcionando, mas não consigo mais mover os braços.

— Por quanto tempo nós temos que esperar, Vincent?

[*Pai, eu vou matar você se alguma coisa acontecer com ele.*]

— Calma, Eva. Quando você e eu ficamos sem energia em Nova York, Têmis só precisou de alguns minutos para conseguir se mover de novo. E parece que estamos no meio do nada. Se tivermos sorte, ninguém viu a gente chegar, e deve dar para sair daqui antes mesmo do nascer do sol. Caramba, pode levar dias até que alguém ache a gente. Foi assim na última vez.

[*A gente quase morreu, na última vez.*]

Tá, então *não* foi assim na última vez. Olha só, não posso fazer mais nada. Se eu soubesse como acelerar esse processo, eu faria. Pode acreditar.

— Fala com Ekim, Eva. Vocês ainda têm um tempinho. Deveria conversar com ele. É possível que vocês dois nunca mais se vejam, depois que ele for embora.

[*Eu odeio você, pai. De verdade.*]

— Eu sei.

— Ela vai superar isso, Vincent. Só precisa de um tempo.

— Não sei, Rose. O que nós fizemos, bem, é... De qualquer forma, ela está em casa, e é isso que importa. Agora, a gente só precisa levar Ekim de volta, e em segurança.

— Ele poderia ficar aqui conosco.

— Não, não poderia. Eles o colocariam em uma jaula, enfiariam agulhas no corpo dele o dia inteiro. Cem milhões de pessoas morreram na última

vez que o povo dele esteve na Terra. Já passou um tempo, é verdade, mas não acho que o pessoal aqui se esqueceu disso.

— E o que vai acontecer com Ekim quando ele voltar para casa?

— Bom, ele vai dizer a eles que foi sequestrado... E foi mesmo. Com sorte, vão parar por aí.

— E você acha que vão acreditar nele?

— Não sei, Rose. O que você quer que eu faça? Escreva uma carta de recomendação para ele?

— Ele parece assustado.

— Ekim é só uma criança! Está a milhões de quilômetros de casa, e se bobear acabou de cometer crime de traição. Eu também estaria assustado.

— Você apontou uma arma para a cabeça dele.

— Como disse, eu também estaria assustado.

— Nós também acabamos de viajar por milhões de quilômetros, sabe?

— É esquisito, né? Esperamos esse tempo todo e, de repente, *bum*, estamos aqui.

— Nosso... amigo me disse uma vez que a viagem de lá pra cá levava dez dias. Pareceu instantânea, para mim. Como eles poderiam saber?

— Saber o quê, Rose?

— Quanto tempo essa viagem leva.

— Olhando a data, provavelmente?

— Como? Nós sabemos que dia é hoje, aqui. Mas precisaríamos saber a data de hoje lá também. E como a gente descobre isso? Volta lá, divide a

diferença por dois?

— Não faço ideia, eu...

— Você fez o que tinha que fazer, Vincent.

— Fiz mesmo? Será que eu *realmente* tinha que fazer isso?

— Não entra nessa, Vincent. Não vale a pena.

— O pior é que não me sinto mal com isso tudo, pelo menos não tanto quanto eu acho que deveria. Merda.

— Que foi?

— Não é possível. Não tão cedo.

— Que está acontecendo?

— Luzes. Um bando de veículos, vindo na nossa direção. Caminhões, acho. Ekim, *eket eyyots apt aks*.

[*Quem está vindo, pai?*]

Não sei, mas parece que eles estão com bastante pressa.

[*Yokits! E agora? A gente não pode fazer nada!*]

Bom, se são só caminhões, eles também não vão poder fazer muita coisa. Estamos a quinze andares de altura.

[*Eles podem trazer um guindaste.*]

Eles levariam dias para instalar um guindaste dessa altura. Não é com isso que estou preocupado.

[*Com o quê, então?*]

Podem ser só alguns moradores da região, com picapes. Se for isso, por enquanto tudo bem. Podemos transportar Têmis daqui para outro lugar

qualquer, assim que ela estiver recarregada.

*[E se não for isso?]*

Bom, se forem militares, não serão apenas alguns caminhões. Eles podem trazer...

*[Trazer o quê?]*

Aquilo.

*[O quê?! Eu não consigo ver nada daqui, lembra?]*

Um helicóptero.

— É um helicóptero militar?

— É grande, Rose. Não é um daqueles helicópteros de televisão. Nem dos que levam turistas para passear.

— E o que ele está fazendo?

— Chegando... Sobrevoando o robô... A porta lateral se abriu. Merda. Merda. Merda.

— Eles estão entrando?

— Dois caras, com cordas.

— Vincent, quem são eles?

— Não sei, mas estão armados. Um já chegou na escotilha.

— Devem estar contentes em nos ver aqui.

— Devem estar em êxtase. Eva, acho melhor você ficar na frente do Ekim, só para o caso de eles não estarem tão felizes assim. Quem quer que eles sejam, um deles já está no compartimento entre as escotilhas.

— A de dentro está abrindo.

*<Derzhite ruki na vidu>*

Vincent, o que foi que ele disse?

— Não faço ideia, mas tenho quase certeza de que foi em russo.



## ARQUIVO Nº 2106

### ENTREVISTA ENTRE A MAJOR KATHERINE LEBEDEV, DO DEPARTAMENTO CENTRAL DE INTELIGÊNCIA DA FEDERAÇÃO RUSSA (GRU), E A DRA. ROSE FRANKLIN

Local: Prédio do GRU, São Petersburgo, Rússia

— Bom dia, dra. Franklin. Imagino que tenha tido uma boa noite de sono. Tenho certeza de que sim. Temos remédios muito bons... Não diga a ninguém, mas eu mesma tomo alguns de tempos em tempos, quando preciso descansar. Nunca pensei que fosse dizer isso um dia, mas, em nome da Federação Russa e, acredito, de todo o planeta Terra: bem-vinda de volta! E bem-vinda à Rússia!

— Nós estamos na Rússia?

— Sim, estão! Sente-se, dra. Franklin. Está me deixando nervosa desse jeito.

— Desculpe. Eu *estou* um pouco nervosa. Ainda não sei o que estou fazendo aqui.

— Ah, você tem todo o direito de estar se sentindo nervosa, dra. Franklin. Mas eu disse que está *me* deixando nervosa. Eu deveria passar

segurança, mas é difícil quando não paro na cadeira. É que isso é tão emocionante! Por favor, sente-se!

— Imagino que não vá me dizer quem é você, nem onde estamos.

— Quem sou eu? Mas isso não está escrito nessa... Onde está? Tem uma plaquinha com meu nome... Ah, aqui está. Meu nome é Katherine Lebedev.

— Você não tem sotaque russo.

— Espero que não. Passei grande parte da minha vida em New Hampshire. Estudei na Brown, Direito.

— Você era uma espiã.

— Eu era... Não! Eu era uma criança. Nasci lá. Brincava com bonecas. Meus *pais*, eles sim eram espiões. Nunca soube de nada, até que tivemos de ir embora. Me mudei para a Rússia há onze anos, e aqui estamos nós! Eu ia dizer alguma coisa... Ah, sim. Meu nome é Katherine Lebedev. Sou major no GRU.

— ...

— Você não sabe o que é o GRU, sabe? É a sigla em russo para o Departamento Central de Inteligência do Estado-Maior das Forças Armadas da Federação Russa. Nome grande, eu sei.

— Parece a KGB.

— A KGB é coisa de criança perto disso. Aliás, chamamos de SVR, hoje em dia. Não conte a ninguém que eu falei isso. A GRU é dez vezes maior que a SVR. Tá, talvez não dez vezes, mas é maior. É aqui que a diversão toda está. Temos seis vezes mais agentes, mais satélites de espionagem, coisa bem James Bond mesmo. O que mais você quer saber? Ah, sim:

você está em São Petersburgo. Gabinete do governo. Um prédio bem grande e cinza.

— E você comanda esse... GRU?

— Eu? Quem me dera. Não, sou apenas uma major, bem modesta. Eu cuido de uma divisão pequena, minúscula, na verdade, focada em tecnologia alienígena. Não temos nada de alienígena aqui conosco, então, como eu disse, é uma divisão bem enxuta. Imagina só como eu... Eu, não, *nós* todos ficamos felizes quando vocês pousaram na Estônia, a poucas horas daqui. Quais eram as chances de isso acontecer?

— Estônia? Mas você disse que estávamos na Rússia.

— Ah, é! Você não sabe! Desculpe. Que indelicado da minha parte! Você ainda precisa se inteirar de muita coisa. O que quer saber? Manda ver.

— Quanto tempo nós estivemos fora?

— Nove anos, três meses, seis dias... Noventa e sete dias... Nove anos e noventa e sete dias. Desculpe, eu não conheço o jeito científico de dizer isso, e...

— Nove anos? Pensávamos que tinha sido menos.

— Ah! Nossos cientistas tinham dito isso. Alguma coisa a respeito de dilatação temporal quando se viaja em velocidades próximas à da luz. Eu não sei como esse tipo de coisa funciona, mas, segundo eles, você poderia voltar com mil anos de idade. Não, calma, não é isso. Eles disseram que mil anos poderiam ter se passado *aqui*, na Terra. Dá pra ver que eu não sou uma cientista, certo? Então, quanto tempo você acha que ficou fora do nosso planeta? Alguns segundos?

— Oito anos e uns sete ou oito meses.

— Ah... Espera, você não tem certeza?

— Nós... Você sabe onde estávamos até agora?

— Estou esperando você me contar, mas todo mundo acha que você foi parar no planeta daqueles robôs.

— Isso mesmo. O nome é...

— Qual? Qual é o nome? Ah, você não sabe se deve me contar isso... Bom, aí é com você. Tá, não *só com você*, mas entendeu o que eu quis dizer. Nós não vamos torturar você logo no seu primeiro dia aqui. Brincadeira! Piadinhas típicas do GRU... Eu sei. Mas o que você acha? Que me contar o nome do lugar pode “mudar para sempre o equilíbrio de poder”? Além disso, você trabalhava para a ONU, quando sumiu. Nós fazemos parte da ONU. “Esse é o seu mundo!”

— O quê?

— “Esse é o seu mundo.” O lema da Organização das Nações Unidas.

— Eu não sabia que a ONU tinha um lema.

— É péssimo, né? Bom, o que me diz? *Por favor!* Estou morrendo de curiosidade.

— O planeta se chama Esat Ekt. Significa “lar dos Ekt”, e esse é o nome do povo que vive lá. Nós não conseguíamos marcar o tempo da Terra, mas eles... Eles têm uma medida de tempo que corresponde mais ou menos a um minuto dos nossos. Então...

— Vocês não tinham um relógio? Um celular?

— Tínhamos, mas as baterias acabaram. Bom, como eu disse, nós contamos quantos batimentos cardíacos cabiam em cada unidade de tempo deles. Vincent e eu sabemos a média da nossa frequência cardíaca

e, por isso, conseguimos fazer os cálculos. Claro, acabamos errando um pouco. É possível que o ar fosse diferente. Mais oxigênio, talvez.

— Ah, como se estivessem numa montanha.

— Bom, na verdade seria o contrário. Mas, sim, essa é a ideia.

— Desculpe. Fiz direito, lembra? Ah, antes que eu me esqueça: quando vocês sumiram, o general Govender estava com vocês. Agora não está mais, a não ser que tenha se transformado em um adolescente alienígena. O que aconteceu com ele?

— Ele morreu.

— Sinto muito... Como? Foi morto?

— Morreu de causas naturais.

— Que triste... BOM, as pessoas naquele tal planeta são chamadas de Ekt. É isso o que ele é, aquele amigo que veio com vocês? Ele é um... Ekt?

— Achei que você quisesse responder as minhas perguntas.

— Ai, eu fiz de novo, né? Me desculpe! Eu me empolgo demais. De verdade! Estou *tão* empolgada! Mas eu faço isso sempre. Monopolizo a conversa, e só percebo quando alguém fica ofendido com isso. Me perdoa? Eu juro que... Não, nem vou jurar, porque tenho certeza de que vou fazer a mesma coisa daqui a uns cinco minutos, e aí vou acabar me sentindo muito pior. Cala a boca, Katherine. POR FAVOR! Dra. Franklin, o que mais você quer saber?

— Sinto muito, srta. Lebedev, eu...

— Você acabou de me chamar de srta. Lebedev? É esse escritório, ele faz isso com as pessoas. Nem sei que estilo é esse. Gótico vitoriano? Srta.

Lebedev é a minha mãe. Eu sou Katherine. Pode me chamar de Katherine.

— Certo, Katherine. Eu não sei se foi a viagem, ou se ainda são os efeitos dos remédios que vocês me deram... Mas estou exausta. Será que poderíamos continuar essa conversa amanhã?

— Mas é claro! Você viajou, sei lá, milhões de quilômetros, e aqui estou eu, fazendo essas perguntas todas. Descanse um pouco. Conversamos de novo quando você se sentir pronta.

— Obrigada.

— Nem precisa agradecer. Quero que saiba que estamos fazendo o possível para ajudar seu amigo, mesmo que vocês não estejam muito dispostos a dialogar conosco, com essa coisa de estarem exaustos, e tal.

— Meu amigo?

— Isso, seu amigo. O jovem Ekt que veio com vocês. “Jovem Ekt”... Amei dizer isso. Ele está um pouco doente, sinto dizer. Mas não se preocupe, você precisa descansar. Tenho certeza de que ele ficará bem. Colocamos os melhores médicos para cuidarem dele.

— O que você fez com ele?

— O que eu... O que faz você pensar que eu machucaria seu amigo?

— Tinha uma cientista trabalhando para vocês na época em que fomos embora, e ela...

— Está falando da dra. Papantoniou? O que tem ela?

— Ela não tinha problema nenhum em submeter as pessoas a procedimentos altamente invasivos para conseguir o que queria.

— Isso foi antes de eu começar a trabalhar aqui. É, escutei algumas coisas bem ruins a respeito dela, mas agora a dra. Papantoniou trabalha para os americanos.

— Alyssa está trabalhando para os americanos? Fazendo o quê?

— Ah, podemos falar disso amanhã. Você precisa descansar, lembra?

— Por favor.

— Ela procura pilotos para eles. Algum tipo de exame de sangue.

— Pilotos para quê?

— Para o robô deles. Um robô gigante, do tamanho da Têmis. Eu falei que você ainda tinha muita coisa para descobrir.

— Mas que robô? Onde eles encontraram outro?

— Bom, você deu o robô a eles.

— Eu?

— É, você. Há nove anos, você desativou um em Nova York. Ele se desfez em pedaços e caiu no chão, lembra? Quanto tempo você acha que os militares dos Estados Unidos levaram para colocar as garras nele?

— Mas ele não estava funcionando.

— Bom, agora está!

— E como eles conseguem pilotar o robô? Eles têm alguém com as pernas como as do Vincent?

— Não faço ideia. Mas aquela geneticista encontra os pilotos para eles. Espero que você não ache que eu sou que nem ela! Espero de verdade, porque... *uuu...* doida. Quer dizer, claro, gosto de conseguir o que

quero, e geralmente eu consigo. Mas não quero que nada de mal aconteça a seu amigo. Pode acreditar nisso.

— *E o que* você quer?

— Dele? Quero que ele melhore. Quero *muito* que ele pilote aquele robô para nós, mas ele não vai poder fazer isso se continuar doente, certo? Então, quero que ele melhore. Ele parece legal. Um Ekt legal.

— ...

— É muita informação para digerir de uma vez só, eu sei. Descanse um pouco. Conversamos mais tarde.

— Eu sou uma prisioneira aqui?

— O quê? Claro que não! Você pode ir embora quando quiser, para onde quiser.

— Eu poderia sair desse prédio, e ninguém tentaria me impedir?

— Sua escolta pode levá-la a qualquer lugar, à sua escolha. Dê uma volta na cidade! É linda. Muito melhor que Moscou, se você quer saber a minha opinião. Vá ver as catedrais. Faça uma caminhada pela avenida Nevsky. Se quiser visitar o Hermitage, eu vou adorar ir com você. Não vou lá há anos.

— Posso ver meus amigos?

— Essa é uma ótima ideia! Por que não jantamos todos juntos? Depois de você descansar um pouco, claro.



## ARQUIVO Nº 2108

### ENTREVISTA ENTRE A MAJOR KATHERINE LEBEDEV, DO DEPARTAMENTO CENTRAL DE INTELIGÊNCIA DA FEDERAÇÃO RUSSA (GRU), E VINCENT COUTURE

Local: Prédio do GRU, São Petersburgo, Rússia

— Como você está, Vincent? Posso chamá-lo de Vincent, certo? Você bebeu *bastante* vinho ontem à noite. Quem me dera poder fazer isso também. Aparências, sabe como é.

— Estou bem. Obrigado.

— Mas você mal tocou no seu prato de comida. Rose e Eva também não comeram nada. Devo mandar demitirem o cozinheiro?

— Não é culpa dele. Em... Lá onde estávamos, as pessoas têm as papilas gustativas mais sensíveis que as nossas. Os sabores lá são bem mais sutis.

— Sem gosto.

— Isso, parecia assim no começo. Mas acho que a gente acabou se acostumando. Tenho certeza de que o jantar estava delicioso. Obrigado.

— De nada! Eu sabia que me daria bem com você! Estou tão feliz, principalmente depois de ter conhecido sua filha. Ela gosta *mesmo* de um confronto! Uau! Não acho que seremos amigas do peito, ela e eu.

— Isso porque você não conheceu a mãe dela.

— Gostaria de ter conhecido. Sei que estou alguns anos atrasada, mas sinto muito, muito mesmo por sua perda. E eu disse aquilo no bom sentido, sabe? Sobre sua filha. Ela tem bastante personalidade. Gosto disso. Quantos anos ela tem? Dezenove?

— Sim, dezenove. E como está nosso amigo?

— Ekim, você quer dizer? Eva me contou. Ah, não precisa ficar com essa cara. Que diferença faz eu saber o nome dele? Ele não está bem.

— E você sabe o que há de errado com ele?

— Várias coisas. Ele está com gripe, para começo de conversa. O sistema imunológico dele é todo destrambelhado, e ele acabou pegando toxoplasmose.

— O quê?

— Eu sei. O fuzileiro naval que tirou vocês do robô tem uns gatos em casa. É, a gente chama de fuzileiros navais, também. Me disseram que mais ou menos a metade da população mundial já foi infectada com toxoplasmose. Sabia disso? Quase todo mundo, em alguns lugares. A maioria das pessoas não apresenta nenhum sintoma, aparentemente, mas seu amigo apresentou, um monte. E ele não está respondendo bem aos antibióticos, a antimaláricos, a nada. Sendo honesta com você, achamos até que se ele não morrer por causa da doença, pode morrer por causa dos remédios.

— Por favor, salve o rapaz. Eu imploro, encontre uma maneira de salvá-lo.

— Você realmente se importa com ele.

— Ele é meu amigo.

— Tem certeza de que é só isso? Eu pensei que talvez...

— Sim...

— Ah, você vai achar que é bobagem. Enfim, que seja! Eu gosto de ficar escutando a conversa das pessoas, nos restaurantes, em qualquer lugar. Meus pais eram espiões, sabe? É, talvez você não saiba. Bom, agora sabe. De qualquer forma, talvez isso de bisbilhotar a vida das pessoas seja genético. É como se fosse um jogo. Eu tento adivinhar coisas a respeito das pessoas. Às vezes, acho até que sou boa nisso. Então, durante o jantar de ontem à noite, não pude deixar de perceber certa tensão entre você e Eva. Não dei muita importância a isso no começo, mas no meio da sobremesa eu já estava pensando: “Eva parece zangada com o papai por algum motivo. E se for porque Ekim está doente? E se Ekim for o namoradinho dela? Talvez a garota culpe o pai por tudo o que está acontecendo. Agora, o pai, que ama a filha, não quer que nada de ruim aconteça ao namoradinho, porque ele se sente responsável pela situação toda e tem medo de que a filha nunca o perdoe por isso...”. Pronto. Só consegui pensar nisso. Cheguei perto?

— Na verdade, não.

— Falei que você ia achar bobagem. Tem certeza de que não quer tomar um analgésico? Você está meio pálido.

— Um cafezinho cairia bem.

— Onde eu estava com a cabeça? Acordei há horas, acabei me esquecendo de que ainda é cedo. Vou pedir um café, um minuto. Puro, certo?

— E isso costuma funcionar?

— O que costuma funcionar?

— Essa postura toda, amigável e animada?

— Ah, isso foi meio ofensivo, Vincent. Eu entendo: aquela coisa da Rússia malvada, né? Nós somos os bandidos. Acho que você deveria rever esses seus conceitos. Pode não acreditar nisso agora, mas você e eu queremos a mesma coisa.

— Como é que você poderia saber o que eu quero?

— Bom, nesse momento eu sei que o que você mais quer é dar o fora daqui. Mas essa vontade vai passar rapidinho, assim que você souber como está o mundo lá fora. Para onde iria, se pudesse escolher? De volta aos Estados Unidos? Ou para casa, em Montreal?

— É bem por aí.

— Qual dos dois? Nem precisa responder, não importa. Dá basicamente no mesmo agora.

— ...

— AH, FALA SÉRIO! Não vai nem perguntar? Tudo bem, eu entendo que nenhum de vocês queira me contar muita coisa, mas não consigo entender por que não me fazem perguntas. Foram nove anos longe daqui. Nove anos! Não estão nem um pouquinho curiosos a respeito do que perderam nesse tempo? Sério, mesmo se eu contasse só em partes,

ainda assim seria muito mais informação do que esse nada de nada que você sabe até agora!

— Você está dizendo que os Estados Unidos invadiram o Canadá.

— Não, nem precisaram fazer isso. Mas, nesse momento, há quarenta mil soldados americanos em solo canadense. Tem até uma base dos fuzileiros navais em Montreal.

— Então nós somos aliados.

— Um pouco mais que apenas aliados. O parlamento canadense não se reúne há mais de dois anos, e seu primeiro-ministro é mantido praticamente em prisão domiciliar. O general Scott comanda o país. E o Canadá não é o único nessa situação. Venezuela. Metade do Oriente Médio. O norte da África também. Eles acabaram de ocupar a Líbia. O presidente mexicano adotou uma postura bem mais desafiadora que a do primeiro-ministro canadense... Bom pra ele, mas não adiantou muita coisa. O território dos Estados Unidos agora vai até o Panamá.

— Como?

— O robô, é claro. Jápeto. Há uma cratera enorme bem no meio da Cidade do México para lembrar a todos que “se juntar” aos Estados Unidos é a coisa mais inteligente a se fazer.

— E quanto a vocês?

— Nós?

— Os russos. Eu posso até não perguntar muita coisa, mas estava prestando atenção ontem à noite, quando você disse que pousamos na Estônia.

— E?

— E agora estamos aqui. Imagino que a soberania da Estônia não seja mais como era antigamente.

— Ah, sim. Tem razão: a Estônia agora é um membro da Federação Russa, com muito orgulho. Assim como a Geórgia, e praticamente todos os “-stões”. Mas, olha, sendo honesta, mais ou menos a metade desses países pediu para entrar na Federação.

— E os outros?

— Você gosta de refrigerante?

— Quê?

— Um refri! Refrigerante!

— Eu...

— Imagine a Coca-Cola tomando conta de tudo, comprando o máximo de marcas de refrigerante que conseguir. Aí, a Pepsi é a única marca que eles não têm dinheiro para comprar. Agora, vai que você goste de tubaína e queira continuar bebendo isso, mas não consegue. Não tem mais tubaína. Tem Coca-Cola e Pepsi, só. Algumas pessoas até aceitam isso, mas outras demoram um pouquinho mais para engolir. A Geórgia, por exemplo, não queria largar sua própria Fanta de jeito nenhum.

— Então vocês mandaram uns tanques e cem mil soldados e, aí, soltaram essa de “serve Pepsi?”, só que com uma AK-47 na cabeça deles. Não consigo ver tanta diferença entre isso e o que os outros caras estão fazendo lá.

— Estamos protegendo nossas fronteiras. Eles estão dominando o mundo.

— E o CDT?

— Ah, você é engraçado. Eles não duraram nem uma semana depois que Têmis desapareceu.

— Então a ONU não existe mais?

— A ONU existe ainda, sim. No papel, pelo menos. Mas o robô é propriedade dos americanos. Vermelho, branco e azul, e tudo mais. E não está lá só para defender os órfãos e as viúvas, não.

— E agora vocês querem fazer a mesma coisa com a Têmis.

— Eu gostaria que as coisas ficassem mais equilibradas, sim! Não vejo nada de errado nisso. A única coisa impedindo os americanos de se teletransportarem para a praça logo ali, do outro lado da rua, é a ameaça de um ataque nuclear. Seria aquilo que chamamos de “Destruição Mútua Assegurada”. Pá, pá, pá. A sigla em inglês é ótima: MAD, ou “doido”. E essa loucura é a última jogada que nos resta contra aquele robô. Você entende o quanto isso é ruim, não entende? Eles sabem que nós não queremos simplesmente apertar aquele botão, por conta da parte do “mútuo” que significa que o mundo inteiro iria acabar bem tostado nessa história. Assim, vão continuar nos encurralando, até que não tenhamos mais para onde correr. Então, *bum*. Nem Coca-Cola, nem Pepsi, só um monte de poça de água radioativa.

— Você sabe que não existe a menor possibilidade de eu pilotar a Têmis para você, não sabe?

— Ah, Vincent, Vincent... Por que fazer isso com você mesmo? Eu sei que você já percebeu o jeito que os guardas olham para a sua filha. Sabe quanto tempo ela consegue ficar sem respirar? Repete comigo. Na ponta da faca.

— Vai se foder.

— Bom, você meio que pediu por isso, não acha?

— Eu vou...

— Já sei, já sei. Você vai me matar se eu encostar um dedo nela. Não duvido nem por um minuto de que você seria capaz disso. Não se preocupe. Eu só estava brincando com você. Jamais machucaria a sua filha.

— Como vou saber se você está dizendo a verdade?

— Porque você sabe que eu não precisaria fazer isso. Se eu resolvesse ir lá e cortar o cabelo dela, você já estaria aguardando minhas ordens dentro do robô, antes mesmo que eu encostasse na franja da garota. Mas vamos mudar de assunto, está bem? Esse papo está me deprimindo. Vamos tentar algo mais construtivo, como salvar seu amigo, quem sabe? Para ser honesta, eu prefiro que *ele* seja o piloto de Têmis.

— E o que você quer que eu faça?

— Agora sim, essa atitude é muito melhor! Obrigada por perguntar. Sabe, nossos médicos não admitem isso, porque têm medo do que possa acontecer com eles, mas a verdade é que não fazem a *menor ideia* do que fazer para salvar seu amigo. *Ninguém* sabe o que fazer. Mas, aí, pensei: talvez *ele mesmo* saiba. Talvez aquele rapaz possa se salvar. O problema é que ele não quer falar conosco. Ou não entende o que estamos falando, ou simplesmente não quer se comunicar. No entanto, tenho certeza de que ele estaria disposto a conversar com um amigo.

— E o que faz você pensar que eu posso falar com ele?

— Sério? Bom, vamos ver. Hummm... Ele estava *com* você, dentro do robô Têmis. Seria uma viagem bem chata se ele não pudesse falar com ninguém... Ah, sim, você também passou NOVE ANOS naquele planeta.



E, ah, você é linguista. Tipo, se você foi treinado para fazer alguma coisa, *é isso*. Que mais? Hmmm... Não, acho que é só. Não consigo pensar em mais nenhuma razão.

— A minha pergunta foi: o que faz você pensar que isso seria possível? Eles poderiam usar outras formas de comunicação, talvez uma que não dependa do som. Poderiam usar reações químicas, feromônios, o toque, telepatia, alguma língua de sinais. E, mesmo que usem o som como meio de comunicação, seria preciso conseguir reproduzir e reconhecer esses sons. Eles poderiam ter um sistema articulatório distinto do nosso. Sem laringe, com duas, ou algo completamente diferente. Mesmo com uma fisiologia semelhante à nossa, eles ainda poderiam produzir sons que não seríamos capazes de reproduzir ou mesmo de escutar. Se bobear, alguns desses sons estariam na faixa de ultrassom. Alguns seriam indistinguíveis dos outros, para nós. Eles poderiam fazer milhares de sons diferentes que, aos nossos ouvidos, pareceriam o mesmo. Poderiam reproduzir dezenas de sons ao mesmo tempo. Há tantos impedimentos possíveis para essa comunicação. Eu, por exemplo, não consigo entender os diferentes tons quando alguém fala mandarim, quanto mais reproduzi-los. Escuto de trás para a frente, de cabeça para baixo, de pernas para o ar. E isso porque eles são humanos. Imagine as chances de entender alguém que vive em outro planeta e anda como se fosse um avestruz. E, mesmo sem considerar os sons, ainda assim seria impossível entender o que eles querem expressar. A lógica dos alienígenas poderia ser diferente da nossa, e eles provavelmente não conceituariam as coisas do jeito que nós, humanos.

— Espera, espera... Ai, como sou burra! Dá! Eu me esqueci completamente de dizer que já pedi a Eva para falar com ele, um pouco antes de você entrar aqui. Eles estão juntos nesse momento. Nossa, sou

*tão distraída*. Pelo visto não preciso de você para me comunicar com ele. Mas agradeço por essa aulinha de linguística que você acabou de dar. Foi muito interessante. Não, não precisa fazer essa cara de novo! Foi interessante, eu juro! Eles dois parecem bem íntimos, Eva e Ekim. Há quanto tempo se conhecem? Os nove anos? Menos um pouquinho?

— Que diferença isso faz?

— Exato! Que diferença faz você me contar ou não? Posso simplesmente perguntar para ela, sabe? Eu prefiro que você me diga, porque os protocolos de segurança são bem mais rígidos com ela, e eu odeio essa burocracia toda. Mas tudo bem, você não é *obrigado* a me dizer nada. Sabe quantos formulários eu preciso preencher só para falar com ela, e mesmo assim através de uma parede de vidro?

— Não entendo. Por que as coisas são diferentes com ela? Todos nós passamos a mesma quantidade de tempo naquele planeta.

— Pois é! Certo? Perguntei a mesma coisa quando eles a colocaram naquela sala de confinamento. Bom, pra começar, ela tem mais DNA alienígena que qualquer outra pessoa que já vimos.

— Ainda é uma parte muito pequena do código genético dela.

— Bom, mesmo as menores partes são importantes, agora. Ela é uma A5.

— O que isso significa?

— Significa que ela teria sérios problemas para arrumar um emprego por aí. Eu sou uma A1, e não me permitiriam ir além da patente de coronel. Muitos países criaram campos de concentração para os A3. Bom, isso é só uma das razões. Sua filha, além de ser mais alienígena que a maioria das pessoas, passou quase metade da vida em outro planeta. Na maior

parte dos anos dela aqui na Terra, Eva ainda era um bebê, e, por isso, podemos dizer que a garota passou quase a vida toda *lá*. Posso parecer ridícula de novo falando isso, mas eu quase posso apostar que... ela nem queria sair de lá! Acertei? Não? De qualquer forma, essa é outra razão. E, claro, também tem essa questão toda de namorar um extraterrestre. Sabe, o mesmo tipo de extraterrestre que matou cem milhões de pessoas no mundo, aquele pessoal que destruiu Moscou.

— Eu achava que vocês mesmos tinham bombardeado Moscou.

— Dá na mesma. A questão é que sua filha não inspira muita confiança, por enquanto. Eu fiquei feliz, pode acreditar, quando vi que ela mantinha alguns dos costumes da Terra. Por exemplo, ela me mostrou o dedo do meio na nossa primeira conversa. Mas, mesmo assim, ela é bem alienígena quando fala.

— Ela é tão humana quanto você. Nós vivemos sozinhos por lá. *Eu* criei a minha filha. Rose também. Ela estava conosco.

— Viu?! É isso que eu quero. Agora tenho algo mais otimista que a história do dedo do meio para contar ao meu chefe. O que mais você pode me contar? Vamos lá! Qualquer coisa. Tá, diz o que aconteceu quando vocês pousaram em Esat Ekt... Sim, Rose me contou. É um bom nome. O que vocês fizeram? Alguém veio receber vocês? Vocês só andaram por lá, sem destino, até encontrarem outras pessoas? Por favor, me conta!

— Não fizemos nada... Só esperamos pela morte.

**ARQUIVO Nº ~~1641~~ EE001**  
**REGISTRO DE FESTA — EVA REYES**

**Local: Dentro de Têmis, quartel-general do Corpo de Defesa da TerraNova York, estado de Nova York, EUA**

— Aqui é Eva Reyes. Estamos a bordo de Têmis, comemorando. Estou com meu pai, com a dra. Franklin e com o general Govender. Eu... Sei lá o que devo falar aqui! Ei, Vincent?

*[Diga, Eva.]*

Por que eu tenho que usar esse fone de ouvido com microfone?

*[Porque nós estamos gravando isso. Rose gosta de gravar tudo.]*

Isso eu sei, mas por que logo eu? Por que vocês não estão usando também?

*[Deixa eu pensar. Talvez porque eu esteja com o ombro quebrado e uma perna imobilizada e porque Rose tenha quebrado a tibia.]*

É um fone de ouvido. Fica na cabeça.

*[Você pode caminhar por aqui muito mais do que a gente. Para de reclamar, o.k.?]*

O general poderia usar também.

[*O general está um pouquinho... alto.*]

{*Eu escutei isso, Couture!*}

[*Desculpe, senhor. Só quis dizer que você está mais bêbado que um gambá.*]

{*É aquela porcaria de champanhe. Por que não me deram uma bebida de verdade? E por que está tão escuro aqui? Não consigo enxergar nem meu copo!*}

Essa era a outra coisa que eu queria perguntar. Por que só eu estou tomando suco?

[*Porque é você que precisa fazer a gravação. Ah, sim: e porque você só tem dez anos.*]

Ah, Vincent, qual é? Eu acabei com um robô gigante agorinha mesmo. Só quero tomar uma tacinha de champanhe.

[*Tecnicamente, foi Rose quem acabou com o robô gigante...*]

<*Venha cá, Eva. Vou dar uma taça para você. Uma tacinha!*>

Obrigada, dra. Franklin.

<*Já disse que pode me chamar de Rose.*>

Não tenho certeza se eu...

<*Vincent me chama assim. E se você não fizer o mesmo, vou passar a te chamar de srta. Reyes.*>

Está certo, Rose. E qual o gostinho disso tudo?

<*Champanhe? Ah, é meio...*>

Não, não. O gostinho de ter razão. Seu plano funcionou.

*<É, acho que funcionou mesmo. Por que você está com essa cara, general? >*

*{Mostrar a esses alienígenas que já seríamos duros na queda mesmo que eles não tivessem jogado uma gosminha verde cheia de bactérias em um barril de chope e alterado nosso dna...}*

O que você está insinuando, general?

*{Estou insinuando que... O que eu estava falando mesmo?}*

*<O general estava falando que achou que meu plano não tinha a menor chance de dar certo.>*

É isso, general?

*{Nem uma chancezinha. Zero.}*

Rá-rá! E você, Vincent? Achou que daria certo?

*[Eu? Bom...]*

*<Você achou que era um plano estúpido. Vai, Vincent! Pode confessar! >*

*[Não, Rose! Eu vi que tinha certa lógica por trás. Só não sabia se os alienígenas entenderiam a mensagem, caso as bactérias funcionassem.]*

*<Nós não sabemos se eles entenderam.>*

Como assim, dra. Franklin? Eles foram embora, não foram?

*<Já disse que é Rose, lembra? Eles foram embora, mas não sabemos ao certo o porquê. Não dá para saber se era isso que queriam da gente, foi só o que o sr. Burns me sugeriu fazer. Ele sabe mais a respeito dos alienígenas que nós, mas não conversou com eles. É bem possível que também estivesse apenas supondo.>*

Mas que outra razão eles teriam para ir embora?

*{Ué, a dra. Franklin espirrou aquela porcaria gosmenta neles!}*

*[General, acho que você poderia ficar agora só no suquinho da Eva, hein?]*

É de maçã.

*{Cale a boca, Couture! É uma ordem! }*

Sério, Rose. Tem alguma outra razão para eles irem embora?

*<Pergunte pro seu pai, vai que ele tem alguma suspeita.>*

Vincent?

*[Sei lá! Talvez eles tenham ficado com medo das bactérias. E se todos os robôs, as naves, até as casas deles forem feitos com essa mesma tecnologia? Imaginem só por um segundo o que aconteceria se um pouco dessa gosma chegasse até o planeta deles?]*

...

O que foi isso?

*[Até esqueci o que eu estava falando. A luz aqui dentro ficou um pouco mais forte?]*

Talvez.

*[Acho que Têmis acabou de ligar.]*

*<Mas sem os capacetes? >*

Ela pode fazer isso?

*{Eu é que sei? Nunca tinha entrado nesse robô de vocês antes! }*

Vincent?

*[A mesa de controle está ligada. Eva, suba lá e coloque o capacete.]*

Está bem! Mas estamos dentro de um hangar! O que você quer que eu veja?

[*Não sei, Eva. É só um pressentimento.*]

Estou colocando. Eu... Eu acho que...

[*O que foi, Eva?*]

<*Eva?*>

{*Conte logo, garota! O que você está vendo?*}

Pessoal? Acho que a gente não está mais no planeta Terra...

[*Quê?*]

<*Como assim, “a gente não está mais no planeta Terra”? Vincent, coloque o capacete.*>

Robôs gigantes. Por toda parte.

{*Aqueles que nos atacaram?*}

Não sei, general. Eles são...

{*Cacete, garota! É uma pergunta simples. Esses são ou não são os robôs que nos atacaram?*}

Não sei! Não sei se eles estão aqui.

{*Couture, do que diabos ela está falando?*}

[*Merda! Ela quer dizer que não dá para saber. São centenas de robôs.*]

Milhares. Estão todos alinhados, em filas certinhas. Atrás da gente também.

[*Ela tem razão. Parecem aquele exército de terracota, sabe? E estamos aqui, bem no meio deles.*]

Estou com medo, pai.

[*Pois é, eu também.*]



**ARQUIVO Nº EE002 — ARQUIVO PESSOAL DE ESAT EKT**  
**ENTRADA DE DIÁRIO — EVA REYES**

**Local: Dentro de Têmis, em um planeta desconhecido**

Meu nome é Eva Reyes. Tenho dez anos. Meu pai quer que eu registre tudo em um diário, caso a gente não consiga voltar para a Terra. Eu... Nós estamos aqui dentro da Têmis há três dias. Pelo menos de acordo com o telefone do meu pai, que acabou de ficar sem bateria. Não sei se é isso mesmo. Não teve nenhum pôr do sol desde que a gente chegou aqui. Nós não temos água nem comida. Só tinha um litro de suco de maçã. Até isso acabou. Eu... Eu não sei mais o que falar aqui. Dra. Franklin? O que eu devo falar?

*[Fale de você. De onde você veio, como chegou até aqui. E me chame de Rose.]*

É... Eu nasci em Porto Rico. Meus pais, as pessoas que me criaram, trabalhavam para o governo. A gente morava numa casa legal, em San Juan. Eu estudei numa escola bilíngue, a Saint John. Minhas notas eram boas, mas ninguém gostava de mim lá. Os professores achavam que eu era problemática. Eles teriam me expulsado, se meu pai não fizesse parte do Conselho. Eu não tinha muitos amigos. As pessoas me achavam

doida, porque eu via coisas, e às vezes essas coisas aconteciam. Elas me zoavam, me xingavam. Meus amigos, os alunos que não me xingavam, nunca falavam nada, mas ficavam preocupados comigo. Meus pais também. O tempo todo.

*[Tenho certeza de que seus pais amavam muito você.]*

Eu sei que eles amavam. Mas achavam que eu era doente. No final, eles até acreditaram em mim, mas acabaram morrendo por minha causa.

*[Eva!]*

Mas é verdade!

*[Não foi culpa sua!]*

Eu não fiz nada, mas eles morreram mesmo assim! Se eu não estivesse lá, aqueles mercenários não teriam aparecido. E eu nem era filha deles, na verdade. Eu fui feita em um laboratório. Minha mãe me carregou na barriga, mas eu fui feita em um tubo de ensaio. Meus pais biológicos, no fim das contas, eram Kara Resnik e Vincent Couture, os pilotos do CDT que controlavam o robô Têmis. Por isso eu fui criada, para pilotar a Têmis um dia. O que mais? Eu fui sequestrada. Kara me resgatou, mas aí ela também morreu. A Terra foi atacada por robôs gigantes de outro planeta, e ela morreu tentando me salvar.

*[Eva, eu...]*

O quê?

*[Não sei. Eu só... Deve ter coisas boas para falar também, certo? Que tal lembrar as coisas boas?]*

Eu... Sim. Eu conheci meu pai, Vincent. Ele é legal.

*{Ouviu essa, general? Eu sou legal!}*

Ele me ensinou a pilotar a Têmis. Nós fomos ao Egito. Eu vi as pirâmides. Aí, a gente lutou contra um dos robôs alienígenas. Eu achei que a gente fosse morrer, mas você...

*[Faça de conta que não estou aqui.]*

... mas a dra. Franklin — ela é bem inteligente — destruiu o robô, e todos os outros foram embora.

*[Obrigada, Eva. Isso foi muito gentil.]*

Mas é verdade. Aí... Aí a gente resolveu comemorar, mas a Têmis começou a funcionar bem no meio da festinha. De algum jeito, a gente veio parar aqui, seja lá onde esse “aqui” seja. Têmis está parada no meio de um exército de robôs, parecidos com ela. Não dá para ver nada, e também não dá para sair daqui.

Tá, e agora?

*[Isso foi... meio curto. Tenho certeza de que você tem mais um monte de coisas para contar.]*

Estou me sentindo meio mal. Estou com fome.

*[Nós todos estamos com fome, Eva. Pensa em outra coisa. O que você fazia em San Juan? Como era sua vida lá?]*

Sei lá. Eu não saía muito de casa. Eu jogava video game.

*[Você não ia a lugar nenhum?]*

Eu brincava com a Essie, antes de ela se mudar. A gente ficava procurando pedras. Ela tinha uma coleção enorme. Eu achava umas melhores. Ela gostava mesmo de pedras. Teve um verão em que os pais dela levaram a gente para as cavernas do rio Camuy. Eu achei que meus pais não iriam me deixar ir com eles, mas deixaram. Foi demais. Essie

estava toda animada. Eu nunca tinha visto alguém tão feliz assim. Na volta, paramos no observatório de Arecibo. O pai dela disse que eles usavam aquilo para conversar com alienígenas. A gente sabia que ele estava brincando, mas aquilo não saiu da minha cabeça por meses. Fiquei imaginando uma garota que nem eu em outro planeta. Nós duas olhando em telescópios gigantes, conversando através de cartazes de papelão.

*[Essa seria uma conversa bem lenta. Arecibo é um radiotelescópio, e as ondas de rádio demorariam muito para chegar ao outro lado. O pai da sua amiga podia estar só brincando, mas de fato mandaram uma mensagem para o espaço uma vez.]*

E alguém respondeu?

*[Não. Mas eu não acho que eles estavam esperando resposta. Acho que só queriam exibir o brinquedinho novo. Não sei muito bem como foi, isso aconteceu há muito tempo. Antes de eu nascer.]*

Você já sonhou em viajar a outro planeta quando tinha a minha idade?

*[Quando eu tinha a sua idade, eu achava que tinha vindo de outro planeta. É irônico, eu sei. Eu... Você já sentiu que seus pais não eram... Deixa pra lá. Era como se ninguém me entendesse. Acho que toda criança passa por essa fase, uma hora ou outra. Eu cismava com aquilo, que eu vinha de outro planeta, e que um dia — uma noite, na verdade, porque de alguma forma isso teria de acontecer de noite — meu “povo” viria me buscar, de espaçonave. Só que nessa história também tinha uns bandidos... Provavelmente eram alienígenas de um terceiro planeta, não me lembro. Só sei que esses alienígenas do mal faziam de tudo para impedir que o meu povo fosse me buscar. Claro, os caras maus ficavam escondidos debaixo da minha cama, porque... Bom, porque é aí que os caras maus se escondem. Eu não*

*podia deixar que nenhuma parte do meu corpo escapulisse da cama. Se um dedinho do pé ficasse para fora, eles iam me pegar.]*

Por que os caras maus simplesmente não saíam do esconderijo da cama e pegavam você?

*[Porque minha cama tinha poderes especiais. Um campo de força, talvez?]*

Como aquele robô que enfrentamos na Terra?

*[Exatamente como aquele robô. Talvez minha cama tivesse sido feita aqui.]*

Eu queria...

*[Eva, está tudo bem?]*

Estou tonta. Com fome. Não quero mais fazer isso.

*[Eu sei, eu sei. Mas tente manter a mente ocupada.]*

Você disse que todo mundo na Terra tem sangue que vem dos alienígenas.

*[Não é bem o sangue, é o DNA. É... É um código.]*

Um código secreto?

*[Pode-se dizer que sim. Mas suas células sabem ler esse código. É como uma receita, que diz ao seu corpo como ele deve crescer, funcionar.]*

E todo mundo tem um pedaço que veio desse planeta?

*[Bom, nós não sabemos onde estamos. Mas se esse for o planeta onde Têmis foi construída, como desconfiamos, sim, é daqui que esse pedaço veio.]*

Eu também tenho esse pedaço?

*[Tem, sim. Sua mãe e seu pai tinham um pedaço maior que a maioria das pessoas, e o seu deve ser ainda maior que o dos dois.]*

Talvez os alienígenas quisessem me trazer de volta para cá, como aqueles que você imaginava quando tinha a minha idade.

*[Eva. A parte do seu DNA que não veio da Terra é muito, muito pequenininha, se comparada com o restante do seu código genético. Imagine que você seja esse código, seu corpo inteiro. A parte alienígena seria... menor que a unha do seu dedo mindinho. Não é impossível que eles tenham trazido a gente para cá porque queriam conhecer você, mas eu duvido muito. Se quisessem conhecer um de nós, teriam vindo assim que chegamos aqui.]*

Dra. Fran... Rose?

*[Sim, Eva.]*

Quanto tempo a gente consegue sobreviver sem comida?

...

Rose?

*[Vincent, acho que você é que deveria responder isso.]*

*{Tudo bem, Rose. Pode contar a ela.}*

*[Prefiro que você conte.]*

Contar o quê, pai?

*{Nós sobrevivemos mais algumas semanas sem comida, mas não vamos durar muito sem água. Você ainda consegue aguentar mais uns três, quatro dias. O restante de nós estava bebendo álcool, então...}*

Então o quê?

*{Então menos que isso. Quer tentar com a Têmis de novo?}*

Tentamos há uma hora. Ela não se mexe.

*{Você tem alguma coisa melhor para fazer?}*

Eu não entendo... Esses... Sei lá, esses que trouxeram a gente para cá. Eles vão simplesmente deixar a gente morrer aqui? Por que não vêm até nós?

...

Rose?

*[Acho que eles não sabem que estamos aqui. Acho que eles só trouxeram o robô Têmis de volta, e por acaso nós estávamos dentro.]*

Pai, o que você acha?

*{Eu acho... Acho que nós deveríamos tentar mover a Têmis mais uma vez. Eu sei que não vai funcionar, mas eles podem acabar se dando conta de que tem gente aqui dentro.}*

E se eles não perceberem nada?

*{Não sei mais o que dizer a você, Eva. Não podemos pular. Acabaram as coisas que a gente poderia jogar fora.}*

Nós temos que fazer alguma coisa. Acho que o general está ficando doente.

*{Ela tem razão. Você não parece muito bem, general.}*

*<Preocupe-se com você mesmo, Couture. Eu vou ficar bem. É aquela porcaria de champanhe.>*

*{Você...}*

*<“Você” o quê? Vai dizer que eu preciso de água? Diga alguma coisa que eu ainda não saiba. Faça alguma coisa útil. Vai lá e esvazia aquele balde de gelo. Está fedendo aqui dentro.>*

Nem olha para mim. Eu não vou encostar naquela coisa de novo. Nunca mais.